

\7[□]⊗[□]→[‡] // <|7[□]⊗[□]≠[‡]: .777.□[□]⊗[□]○[‡]: .1.⊗[□].:.1.⊗[□]○. <7[□]⊗[□]⊗[□]
 .1.⊗[□]⊗[□].:.1.⊗[□]⊗[□].

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Pécora e Osakabe, na apresentação da obra *Linguagem, escrita e poder*, de autoria de Maurizio Gnerre, afirmam que vivemos numa sociedade grafocêntrica. Isso implica dizer que somos regidos pela escrita e que por ela perpassam as relações ideológicas de poder. Nas palavras dos autores “assim podem ser avaliadas generalidades do tipo ‘toda linguagem é ideológica’, ‘a linguagem está a serviço do poder’, ‘alfabetizar conscientizando’, etc” (PÉCORA; OSAKABE in.: GNERRE, 2009: 02).

As relações humanas são mediadas e perpassadas pela linguagem, independente do campo ou área do conhecimento em que se inserem (SANTAELLA, 1983: 13) e (BAKHTIN, 2003: 261). Quanto mais um sujeito se instrui, mais “poder” ele alcança em um determinado grupo social. A representação da linguagem verbalizada, a escrita, é a demonstração clara e nítida do nível de conhecimento e erudição de um sujeito.

Um pequeno exemplo das relações mediadas e perpassadas pela linguagem verbal está numa entrevista de emprego, em que o primeiro passo consiste no candidato apresentar um bom currículo. Do seu desempenho na escrita dependerá a convocação para uma entrevista que, dependendo do uso da linguagem oral, poderá ser ou não efetivado.

Nos primeiros anos de vida, o ser humano “adquire” a linguagem. O ouvinte, a oral, e o surdo, a língua de sinais. No momento da estruturação dessa linguagem, abre-se uma grande lacuna na aprendizagem do surdo. Isso porque o ouvinte aprende a falar e se comunica por meio da fala e, posteriormente, aprende a escrita dessa língua; o surdo, no entanto, sinaliza e se expressa por meio da língua de sinais, mas aprende a escrita da língua oralizada.

Isso gera no indivíduo uma lacuna que dificilmente será preenchida em sua vida social e acadêmica, por mais que se dedique. Stumpf (2009: 13) afirma que “o português, para os surdos, é, na maioria das vezes, uma língua de acesso muito limitado”. Isso denota que a criança surda necessita, antes de passar por um processo de aprendizagem da Língua Portuguesa – que é uma escrita alfabética, composta de símbolos que são escritos linearmente, representando parcial ou totalmente os sons da fala –, ser alfabetizada primeiramente em LIBRAS e “adquirir” sua escrita, para só então permear outros meandros linguísticos verbais escritos.

Nos últimos anos, as pesquisas na área da língua de sinais, quase que em todas as áreas, tem se multiplicado. No entanto, determinados assuntos permanecem “quase intocados”. A escrita de língua de sinais é certamente um. A escrita de língua de sinais é uma escrita viso-gramada, ou seja, é constituída basicamente de símbolos visuais que são escritos representando os sinais da língua, verticalmente, da esquerda para a direita, do ponto de vista de quem escreve.

2. POSSIBILIDADES DA ESCRITA DE SINAIS NA ALFABETIZAÇÃO DE SURDOS

A pesquisadora Marianne Stumpf, em sua pesquisa de doutoramento, observou crianças em escolarização e “aquisição” da escrita de sinais. Em sua pesquisa, considerou que as crianças pesquisadas, antes de entrar em contato com a escrita da língua de sinais, não sabiam que existia uma escrita da língua de sinais e não possuíam nenhum conhecimento prévio sobre o sistema *SignWriting* (2009: 37). No decorrer do processo, essas crianças foram sendo expostas a uma representação dos sinais e, posteriormente, à própria escrita de sinais.

Os resultados revelaram que, mesmo sem uma ferramenta de escrita, as crianças, por serem mais visuais, conseguiam representar pequenas histórias por meio de imagens. Conseqüentemente, o conhecimento da escrita de sinais e sua estruturação constituíram nessas crianças a compreensão de que a escrita alfabética não é a escrita da língua de sinais, levando-as a diferenciar o que é um desenho representativo de uma escrita (STUMPF, 2009: 37).

O desenho representativo apenas representa ou descreve uma cena. No desenho, não há uma preocupação com a semanticidade morfossintática, que é um atributo da escrita. É na escrita que se manifesta a organização semântica, morfológica e sintática de uma língua.

A escrita permite ao ser a representação de sua cultura ideológica e é por meio dela que o mesmo a perpetua. No caso da história da surdez, ao longo dos tempos, os fatos históricos que perduraram foram notados na escrita da língua oralizada. No entanto, esse panorama começa a mudar. Com o número crescente de pesquisas na área, as possibilidades de registro de historicidade do surdo por meio da escrita da língua de sinais são reais.

Acreditamos que a crescente preocupação com a inclusão escolar, dentro de pouco tempo, possibilitará à comunidade o ensino da escrita da língua de sinais nas escolas. O

surdo, então, terá a mesma oportunidade de desenvolvimento que o ouvinte, uma vez que “não é a falta da língua em si que produz atraso cognitivo no surdo, mas a limitação em realizar trocas simbólicas com seu meio, provocada por falta de um instrumento simbólico e de um ambiente adequado capaz de solicitá-lo e de exercer sua capacidade representativa”, como afirma Stumpf (2009: 79).

Ainda segundo a pesquisadora, por existir uma lacuna na aprendizagem da escrita pelo sujeito com surdez, o mesmo não se permite escrever a Língua Portuguesa, pois sabe que escreverá errado (STUMPF, 2009: 12). O surdo, na maioria das vezes, simplifica ao máximo a escrita, no intuito de conseguir passar sua mensagem, usando muitas vezes palavras que não significam aquilo que querem dizer. Por esse motivo, explicita Stumpf (2009: 59), produz textos que, por não terem se apropriado das estruturas sintáticas da Língua portuguesa, perdem o significado.

A criança surda alfabetizada na Língua Portuguesa que não passou por uma estruturação da LIBRAS e, conseqüentemente, não conhece sua escrita, terá grande atraso no processo de aprendizagem. Segundo Stumpf (2009: 59), mesmo que a criança surda consiga converter as letras em soletração manual correspondente, ela não entenderá o que significa tal palavra. Isso implica dizer que de nada adianta o professor fazer seu aluno surdo copiar laudas de exercícios de Língua Portuguesa se o mesmo não chegar para o educando surdo por mediação em língua de sinais. Desenhar, qualquer ser humano é capaz. Atribuir sentido só é possível por construção sónica, o que implica na mediação do aprendizado da língua alvo na primeira língua.

A escrita da língua de sinais permitirá ao surdo desenvolver o que a pesquisadora Marianne Stumpf chama de “nova cultura”, ou seja, desenvolver-se apreendendo a escrita de sua própria língua, que é sinalizada diferente da escrita das línguas oralizadas (2009: 12). Com esse processo, o acesso à escrita de línguas oralizadas será facilitado, uma vez que a dificuldade do surdo em escrever a língua oral não é de léxico é sim de sintaxe.

Escrevendo e compreendendo a sintaxe da própria língua, o surdo terá maior facilidade para entender e apreender a escrita de outras línguas, este é um processo natural na aprendizagem de segunda língua e línguas estrangeiras.

3. ALGUNS APONTAMENTOS A RESPEITO DA ESCRITA DAS CONFIGURAÇÕES MANUAIS

As pesquisas no âmbito da escrita da língua de sinais não são recentes. Segundo Stumpf (2009: 62), Bébien, em 1817, já idealizava um sistema de escrita para a língua de

sinais. Muitos são os sistemas de escrita desenvolvidos ao redor do globo terrestre, no entanto, o mais conhecido e usado é o sistema *SignWriting*. A escrita da língua de sinais, por este sistema, é executada da esquerda para a direita, levando em consideração o ponto de vista do sinalizador³.

O sistema foi idealizado por Valerie Sutton há pouco mais de trinta anos. O sistema foi baseado no *SignDancing*, sistema de notação de coreografias da dança, desenvolvido por Sutton.

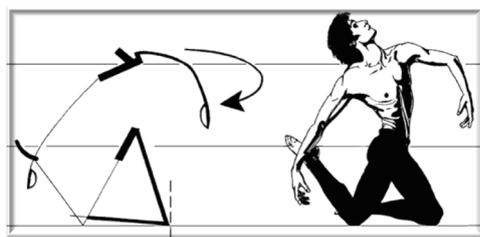


Figura n.º 01. Formação do *SignWriting*. Fonte: www.movementwriting.org

Assim como as línguas oralizadas são passíveis de escrita, as línguas sinalizadas também têm seus sistemas de escrita. Apesar da grande quantidade de sistemas desenvolvidos, inclusive no Brasil, o *SignWriting* é o mais aceito nas comunidades surdas, pois permite representar a simultaneidade dos sinais, bem como todos os recursos de expressão que estão associados à língua de sinais, como, por exemplo, as expressões faciais.

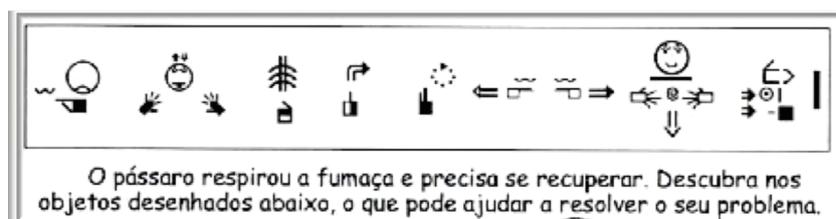


Figura n.º 02. Fragmento da obra *Livrinho do Betinho*, 2002. Publicação bilíngue em LIBRAS e Língua Portuguesa. Fonte: Fanzona Editora e Distribuidora Ltda (2002).

As configurações de mão da língua de sinais são escritas de dois planos: o plano parede, vertical, sendo a visão que o próprio sinalizador tem de suas mãos, e o plano do chão, horizontal. Neste caso, o sinal escrito apresentará um corte que “abrirá” o grafema na escrita em meios eletrônicos. Na escrita manual, coloca-se um traço no sinal para mostrar

³Anotações do caderno de estudos do autor (2013).

que o mesmo está sendo visto de cima. A palma da mão é escrita de forma vazada, ou seja, sem colorir. O dorso da mão é escrito colorido (todo “fechado”) e a mão de lado é escrita com o lado de dentro vazado e o de fora colorido, conforme pode ser observado na figura abaixo e na lista da página 06.

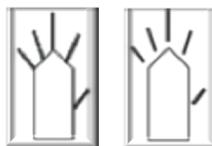
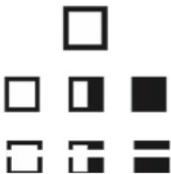
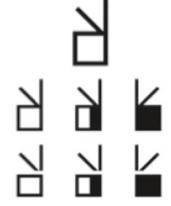
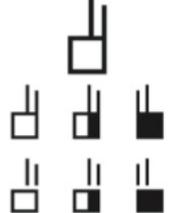
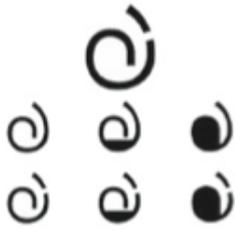


Figura n.º 03. Representação escrita da configuração de mão espalmada. Fonte: Stumpf (2009).

Apresentamos abaixo uma relação de algumas configurações de mão e sua escrita.

Configuração	Escreve-se	Configuração	Escreve-se
			
			
			
			
			

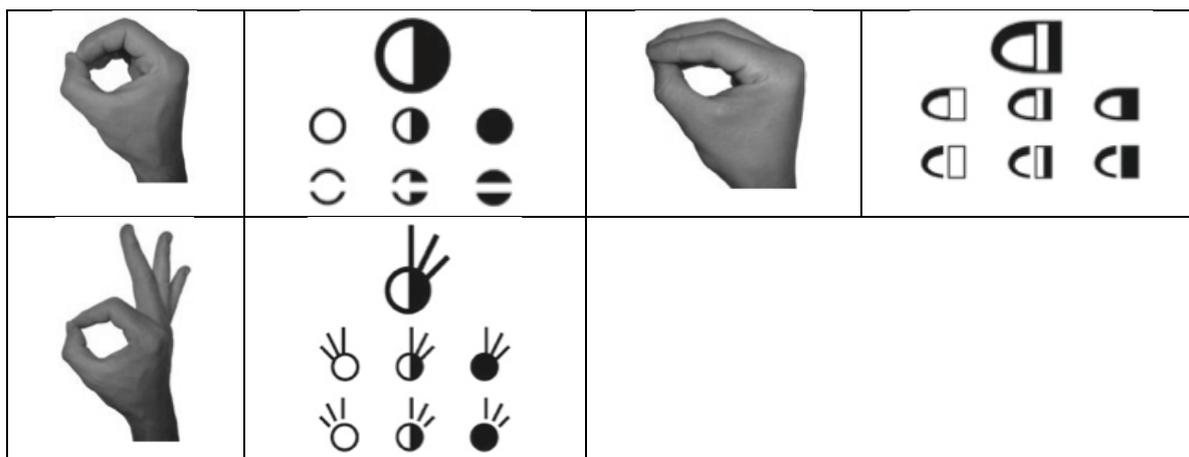


Tabela n.º 01. Configurações de mão e sua escrita em *SignWriting* sob várias perspectivas. Fonte: LIBRAS EAD (2013). Disponível em <http://s3.amazonaws.com/kajabi-media/attachments/>. Consulta em 17 de out. de 2013.

4. ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A ESCRITA A ESCRITA DAS SETAS DIRECIONAIS DE CONTATO

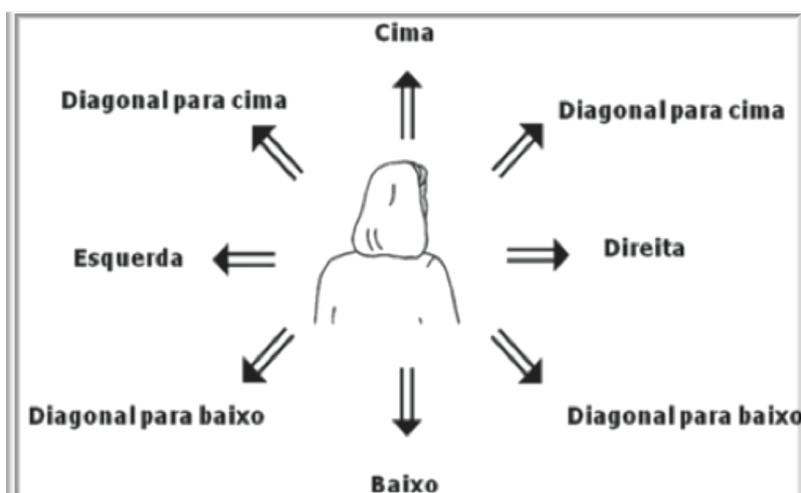
Os símbolos de contato são seis no total.

Grafema(Símbolo)	Tipo de contato	Exemplo
*	Tocar: contato do tipo “toque”, escrito com um asterisco. O toque é definido pelo contato gentil de uma mão com a outra ou da mão com o corpo.	 Desculpa
⊙	Escovar: contato do tipo “escovar”, escrito com um círculo que contém um ponto no meio. Este tipo de contato se dá pelo contato de uma mão sobre a outra ou sobre o corpo, sendo arrastada brevemente. Em seguida, a mão se separa da zona de contato.	 Escrever
#	Bater: contato do tipo “bater”, escrito com duas linhas verticais paralelas e duas horizontais, também paralelas, que se cruzam. Neste tipo de contato, a mão encontra outra superfície com força.	 Bater (Classificador)
⊙	Esfregar: contato do tipo “esfregar”, escrito com uma espiral. Esfregar se define como sendo o contato que se move, mas que permanece sobre determinada superfície.	 Colar

*	Entre: o contato “entre” é escrito com um asterisco entre duas barras verticais. Define-sen um toque entre duas partes do corpo, que passam uma através da outra, geralmente entre os dedos.	 Filiar
+	Pegar: o contato “pegar” é escrito com o sinal de adição (mais). É usado para escrever sinais que pegam partes do corpo ou roupa.	 Cabelo

Tabela n.º 02. Escrita dos símbolos de contato em *SignWriting*. Fonte: Stumpf (2009 [figuras]).

As setas de movimento são de dois tipos, basicamente: movimentos para cima, para baixo e suas variações no plano parede, sendo escritos com setas duplas; já os movimentos para frente, para trás e suas variações no plano chão são representados na escrita de sinais, *SignWriting*, com setas simples. As cabeças das setas são escritas de forma a identificar a mão que realiza o movimento do sinal. A cabeça da seta que representa a mão esquerda é completamente vazada (branca), já a que representa a mão esquerda é cheia (pintada).



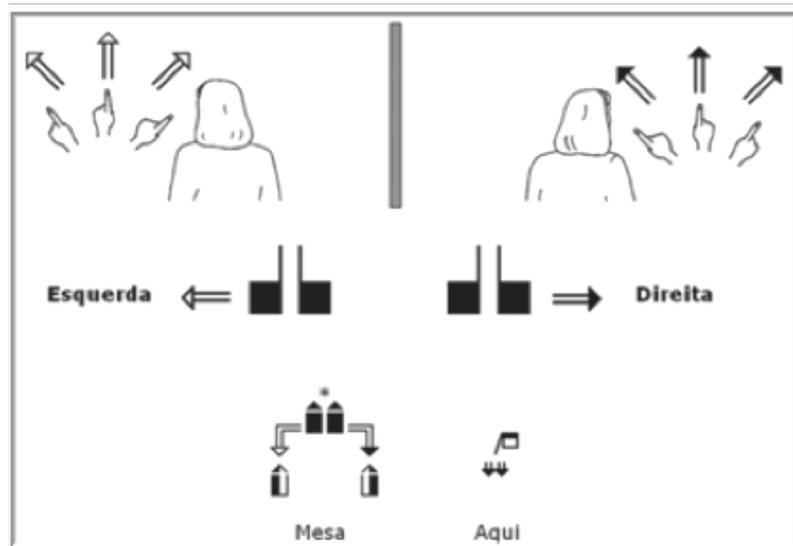
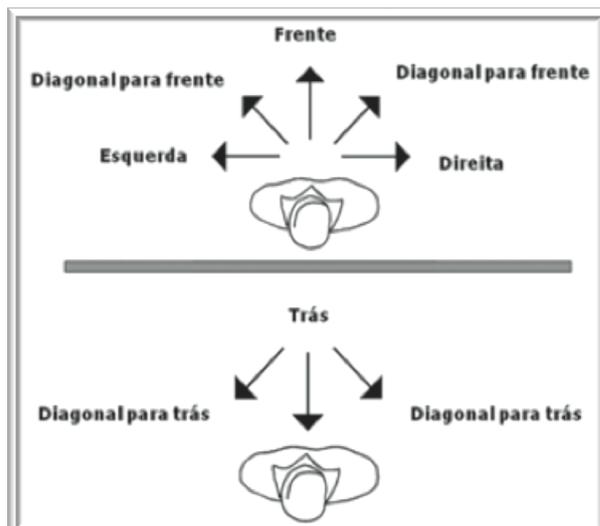


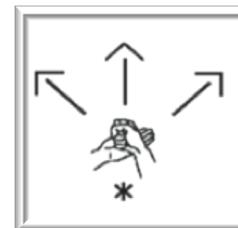
Figura n.º 04. Setas que escrevem os movimentos para cima, para baixo e suas variações.
Fonte: Stumpf (2009).



Não confunda as setas:



Pontas duplas indicam movimento para cima/baixo.



Pontas simples indicam movimento para frente/traz.

Figura n.º 05. À esquerda: setas escrevem os movimentos para frente, para trás e suas variações. À direita: lembrete de diferença entre as setas de movimentos.

Fonte: Stumpf (2009).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita da língua de sinais pode inserir o sujeito, principalmente o surdo, em uma nova cultura, a da escrita. Experiências cientificamente comprovadas mostram que a aquisição da escrita de sinais por surdos favorece seu aprendizado e coloca esta ferramenta como suporte para alavancar o aprendizado dos mesmos, inclusive o aprendizado de outras línguas.

Infelizmente, muito se fala na língua de sinais e na inserção dos surdos na sociedade, no entanto, as discussões têm excluído uma das possibilidades de aprendizagem: a escrita da língua de sinais. O surdo tem sido submetido a um processo esquizofrênico de aprendizagem da escrita da Língua Portuguesa sem que este saiba escrever a própria língua.

Não estamos aqui, de forma alguma, fazendo apologia à desobrigação do surdo quanto à aprendizagem da escrita da LP como segunda língua, pois a mesma é defendida por pesquisadores como Campelo (2009) e Stumpf (2009) entre outros. Por outro lado, pesquisas comprovam que a aprendizagem da escrita da língua de sinais favorece a educação dos surdos e o seu crescimento acadêmico.

Precisamos, enquanto pesquisadores, professores, ditos inclusivos e, principalmente, intérpretes da língua de sinais, nos inserir no universo dessa escrita, que, no âmbito educacional, favorece o registro dos sinais de diversas áreas do conhecimento, que surgem na interação escolar e que são, conseqüentemente, esquecidos por falta de registro; que permite, ainda, ao mesmo, desenvolver-se academicamente, registrar e perpetuar sua própria história e desenvolver a escrita de línguas oralizadas.

OBRASCITADAS

BAKHTIN, M. M. [1929] **Estética da criação verbal**. 4ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CAMPELLO, A.R.S. Deficiência auditiva e LIBRAS. Indaial: Uniasselvi, 2011.

PÉCORA, A. B; OSAKABE, H. Apresentação. In: **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

STUMPF, M. R. **Escrita de Língua de Sinais**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

Revista
Diálogos